



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



LEMBRANÇAS DA ÁFRICA NA VOZ DA ESCRAVA MÃE SUSANA, NO ROMANCE ÚRSULA

Rosangeli de Fatima Batigniani, Regina Célia Lima Caleiro

Introdução

Este texto é parte da minha dissertação de mestrado intitulada *Caminhos Entrecruzados: História, Escravidão e Literatura em Joaquim Manuel de Macedo e Maria Firmina dos Reis*, que está sendo desenvolvida pelo programa de mestrado em História Social, pela Unimontes, sob a orientação da professora Doutora Regina Célia Lima Caleiro e financiada pela CAPES.

Essas obras têm como tema principal a escravidão, esse abordado por muitos intelectuais em suas produções literárias em especial no Brasil. Este texto contemplará o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, no qual faremos um recorte da narrativa sobre a escrava Mãe Susana, e suas lembranças de sua terra natal - África. Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825 em São Luis, capital da província do Maranhão. Era mulata, bastarda e nunca frequentou a escola, era autodidata. Segundo pesquisas, seu conhecimento se fez por meio de leituras. Ao escrever o romance *Úrsula* em 1859, usou o pseudônimo “uma maranhense”, estratégia esta muito usada naquele tempo principalmente por mulheres, como uma forma de maior liberdade para expressarem suas ideias. A romance *Úrsula* aborda o tema escravidão, onde a autora por meio de sua escrita denuncia o sistema escravocrata e a sociedade patriarcal do século XIX.

Material e Método

A. Material Utilizado.

Utilizamos para a pesquisa duas obras literárias publicadas no século XIX, *As Vítimas Algozes: quadros da escravidão* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. Também como suporte teórico foi utilizado o autor Roger Chartier [1] que indicou que ao trabalharmos com fontes tributárias da literatura devemos estar atento as várias formas de ler à narrativa.

B. Metodologia

Fizemos um percurso historiográfico no tocante no entrelaçamento da história da literatura, fontes que vão balizar a pesquisa. Caminhos metodológicos no viés das representações foram utilizados como suporte teórico para entendermos como as personagens escravos são representadas pelos autores. Os procedimentos adotados para a pesquisa são referenciais teóricos, que abordam o tema, a escravidão. A utilização de fontes documentais, dentre elas, as obras *As Vítimas Algozes* e *Úrsula*.

Discussão

O romance *Úrsula* trata de uma trágica história de amor entre os jovens *Úrsula* e o bacharel Tancredo, este romance pode ser considerado como a “água com açúcar”, mas para nós o diferencial da obra está no tratamento que a autora dá ao escravo. Maria Firmina constrói personagens escravos representados como seres bons, dotados de virtudes. O escravo em sua obra recebe um tratamento humanizado, e é repleta de sentimentos como a escrava Mãe Susana, que na narrativa expressa sua lembrança da África. É ela que vai abrir os olhos do jovem escravo Túlio sobre a questão da liberdade. Mãe Susana era uma africana que vivia em plena felicidade junto aos seus familiares na África, até o dia em que foi capturada e jogada em um navio como mercadoria humana.

Por meio de suas lembranças ficamos conhecendo uma África como um lugar onde as comunidades viviam em comunhão com a liberdade, com a natureza e com abundantes roças de milho, inhame e amendoim. A voz da escrava Mãe Susana torna-se, no decorrer da narrativa uma denúncia dos horrores cometidos aos escravos desde sua captura até viagem para o Brasil. Sua fala acontece no momento em que o escravo Túlio é alforriado. A alforria de Túlio é decorrente de um momento de gratidão por parte de Tancredo que ao sofrer um acidente é salvo pelo escravo. Mãe Susana, dirigindo-se ao escravo Túlio, em tom sarcástico diz – Tu! Livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és livre? Liberdade! Liberdade... Ah! Eu a gozei na minha mocidade!



– continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu [2].

O jovem escravo ouve com zelo a história da velha escrava, que movida pelas lembranças tenta mostrar a ele o verdadeiro sentido da liberdade. Para Mãe Susana, Túlio ao ser alforriado por Tancredo continuará escravo, pois deverá o escravo sentir-se preso ao jovem Tancredo, constituindo-se aí uma relação de gratidão. A velha escrava começa a falar para Túlio sobre seu cativeiro, que representava o tormento da separação dos entes queridos para embarcar em uma longa e penosa viagem rumo ao desconhecido. A narrativa de Mãe Susana do seu aprisionamento e crueldade com foi tratada pelos mercadores de humanos, é o ponto alto do romance, pois é uma voz que lamenta o desenraizamento da sua pátria, obrigando-a deixar para sempre seu esposo, sua filha e o mais importante sua liberdade. Assim Mãe Susana relata a Túlio. Segundo Reis “Ainda não tinha vencido cem braços de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas [...]. E logo dois homens apareceram e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! [...], supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade e olharam-me sem compaixão, os bárbaros sorriam das minhas lágrimas julguei morrer” [2]. E ainda: A narrativa de Mãe Susana nos leva a pensar que Maria Firmina ao compor a personagem, procurou verdades nas histórias que possivelmente tenha escutado das negras devido seu contato com escravas que trabalhavam com sua madrinha com quem morava na Vila de Guimarães/MA. [3]. A viagem nos tumbeiros é descrita por Mãe Susana de forma violenta “Meteram-me a mim e mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revoltas fomos acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa” [2].

Nesse excerto podemos perceber como Maria Firmina se apropriou da História para colocar na voz de Mãe Susana um discurso antiescravista, tornando-a um “elo vivo da África” [2]. Mãe Susana continua a contar para Túlio como eram tratados com tamanha atrocidades “Davam-nos água imunda e podre e dada com mesquinhez, a comida má e mais porca, vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros por falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte.” [2].

Para a velha escrava Mãe Susana a dor da perda da pátria, dos entes queridos, da liberdade que gozava em plenitude, foram deixadas para trás mediante atrocidades vivenciadas no navio que a trouxe para uma vida de tormentos em um mundo diferente da sua África. Maria Firmina ao dar voz aos escravos, em especial a Mãe Susana permite que se tornem personagens imbuídos de sentimentos e de uma forma humanizada denunciem a sociedade escravocrata que faziam dos negros escravos seres desenraizados, aprisionados, vendidos, revendidos, e escravizados. Destarte, Maria Firmina coloca Mãe Susana como a voz daqueles que se calaram ao serem arrancados de suas terras.

Considerações finais

As obras as quais são fontes desta pesquisa possibilitaram analisar como os autores dois literatos do oitocentos pensavam a sociedade escravocrata e como apresentam em seus romances vozes abolicionistas.

Referências

[1] CHARTIER, Roger. *A nova história cultural existe?* In: PESAVENTO, Sandra, História e linguagens, Rio de Janeiro: sete Letras, 2006, pp. 29-44

[2] REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: A Escrava*. Atualização do texto e posfácio de Duarte, Assis Eduardo. Florianópolis: Mulheres: Belo Horizonte: PUC – Minas, 2009.

[3] MUZART, Zahidé Lupinacci. *Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis*. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.2, p. 247-260, 2013.